

## **SENSIBILIDADES MODERNAS: O ADVENTO DE EQUIPAMENTOS MODERNOS, ESPAÇOS DE RUPTURAS E PERMANÊNCIAS**

Autor: Luiz Carlos dos Santos  
Mestrando do PPHG UFCG  
Email: [luizcarlo09@hotmail.com](mailto:luizcarlo09@hotmail.com)  
Co-autor: Iordan Queiroz Gomes  
Mestrando do PPHG UFCG  
Email: [iordangomes@yahoo.com.br](mailto:iordangomes@yahoo.com.br)  
Orientador: Dr. Gervácio Batista Aranha

Este artigo tem como objetivo estudar a temática cidade<sup>1</sup>, uma temática que vem ao longo dos anos se firmando como um campo vastíssimo de pesquisas para diversos pesquisadores, cujos estudos tem se tornado cada vez mais freqüentes no meio acadêmico.

*“Com a revolução epistemológica desencadeada pela Escola dos Annales, a partir de 1929, e que tem seu auge nos anos de 1960-1989, com a chamada terceira geração dos annales, as cidades passaram a ser vistas como objetos de pesquisa histórica por comportarem nelas as mais variadas manifestações do espírito e da engenhosidade humanas. Embora antes de 1980 já existissem estudos específicos sobre a cidade na história, como o de Fustel de Coulangens (A cidade antiga, 1961)<sup>2</sup> e o clássico de Lewis Mumford (A Cidade na História, 1998)<sup>3</sup>, será com a ampliação dos temas, das fontes das possibilidades de abordagens abertas pelos Annales, que as cidades vão figurar como este repositório de temas e sub-temas de inquirição”. (SOUZA, 2010, p. 7).*

---

<sup>1</sup> “Cidade(s). Nunca uma palavra quanto esta nas duas ultimas décadas do século XIX e na primeira do século XXI, os estudos sobre as cidades em todo o mundo tem se multiplicado e apontado para diferentes aspectos que podem ser visualizados, e supostamente entendidos, colocando em circulação um conjunto de discursos que tentam circunscrever o que para uns é o resultado das ações humanas em um ambiente marcado pela aglomeração e pela existência de equipamentos modernos, para outros é um “fenômeno” que não tem uma única explicação”. (SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Cidades e experiências modernas/ Antonio Clarindo Barbosa de Souza, Paula Rejane Fernandes – Campina Grande, EDUFCG, 2010).

<sup>2</sup> COULANGES, Fustel de – A cidade antiga: Editora das Américas S.A. EDAMERIS. São Paulo, 1961.

<sup>3</sup> MUMFORD, Lewis – A cidade na história ; 4ª Ed.. São Paulo, Martins Fontes, 1998 (1ª Ed.. 1961)

Sendo assim, podemos analisar a multiplicidade de abordagens existentes hoje em dia sobre o tema cidade. Há trabalhos que tratam da cidade enquanto local de moradia, espaços de trabalho, de trocas comerciais e sociais, como locais de espetáculos, espaços de lazer e prazer.

*“A partir dos anos de 1980, começam a surgir em todo o mundo, estudos sobre aspectos que , aparentemente, não haviam ainda despertado o interesse dos historiadores, como os odores (Saberes e Odores, Alin Corbin, 1987, as reformas urbanas (Pereira Passos: Um Hussman Tropical, de Jaime Larry Benchimol, 1992); sobre a produção cultural dos espaços citadinos pelos trabalhadores urbanos em suas lutas por moradia e seus embates contra as novas leis republicanas no Brasil (Trabalho, lar e botequim, Sidney Chalhou, 1986); as formas de habitação, as formas de viver e morrer na cidade (Lugares dos mortos na cidade dos vivos, Claudia Rodrigues, 1997); sobre a própria existência das pessoas pobres nos circuitos urbanos (Os pobres na cidade, de Sandra Jatahy Pesavento, 1994); sobre as doenças e epidemias (A peste e o plano. O urbanismo sanitaria do engenheiro Saturnino de Brito, de Carlos Roberto M. de Andrade,1998); sobre conflitos e confrontos, não somente políticos e econômicos, mas sobretudo culturais pelas diferentes e agudas representações sobre o viver na cidade (Territórios de confronto – Campina Grande – 1920-1945, de Fabio Gutemberg R. B. de Sousa, 2001 e Recife: culturas, confrontos, identidades – a participação das camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911, de Raimundo P. A. Arrais, 1998), além é claro de estudos que tratam das elites enquanto elaboradoras de planos urbanísticos e de dominação politico-cultural e institucionais (Belle Epoque Tropical, de Jeffrey Needell, 1993, só para citar algumas obras que no decorrer destas ultimas três décadas vem inspirando tantos outros recortes temáticos conceituais, como também vislumbrando outras formas de apropriação do tema cidades”.*  
(SOUZA, p. 9)

O objetivo é fazer com que se entenda que é nestes espaços que a vida humana se desenvolve de forma mais intensa e é mapeada, inquirida, esmiuçada e profusamente registradas pelas mais diferentes disciplinas, sendo a História apenas uma delas. Desta procuramos analisar se houve uma sensibilidade moderna a partir do advento de equipamentos modernos e as mudanças de hábitos e costumes por eles

provocados, procurando analisar o momento em que cidades do interior da Paraíba começam a se problematizar na fronteira tênue do urbano e do rural entre 1920-1960.

O século XX é um século de grandes transformações para a sociedade brasileira, onde a mesma passou por crises, guerras, revoluções, tensões, inovações tecnológicas e um processo de modernização das cidades, inspiradas nas transformações que aconteciam na Europa, nas suas grandes cidades, as quais serviam na época como grandes exemplos a serem seguidos : cuidados com a proliferação de doenças, um grande mal à época; cuidados com relação às moradias, enfim com toda uma estrutura que mudara o aspecto das cidades.

Sabemos que na primeira metade do século XX o Brasil, principalmente nas principais capitais, a exemplo do Rio de Janeiro, passou por um processo muito importante de modificações no setor urbano, ou seja, modificação e estruturação da cidade em busca da modernização e organização. O exemplo do Rio de Janeiro se espalhou por grandes capitais brasileiras que começaram a pensar da mesma forma, numa tentativa de se modernizar e de se organizar enquanto cidade civilizada e moderna.

São cidades que passaram por essa fase de crescimento, de grandes mudanças urbanas que vão desde a sua arquitetura, até a implantação dos equipamentos modernos. O mais importante ainda é saber que essas cidades foram e ainda podem ser consideradas como modelos a serem seguidos em termos de modernização, mas não são as únicas experiências.

*“A cidade representa o que se poderia chamar de um campo de pesquisa e discussão interdisciplinar: trabalham sobre ela não só os historiadores como geógrafos, sociólogos, economistas, urbanistas, antropólogos. O que cabe destacar é a abordagem introduzida pela História Cultural: ela não é mais considerada só como um locus, seja da realização da produção ou da ação social, mas sobretudo como um problema e um objeto de reflexão. Não se estudam apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. Indo mais além, pode-se dizer que a História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais. (PESAVENTO. 2003, p.*

Em face a essas mudanças pelas quais a sociedade passou o objetivo aqui como já foi dito, é analisar estes traços do moderno na cidade de Alagoa Nova – PB<sup>4</sup>, que a partir da década de 1920, começa a conviver com um sonho, que é o da construção da linha de trem, uma construção que viria mexer com o ritmo do cotidiano gerando assim uma expectativa de mudança e uma representação em torno da novidade. Portanto, é este o momento em que a mesma começa a conviver com as primeiras marcas do viver moderno.

Seguindo este contexto de mudanças e transformação decorrente da modernização, Alagoa Nova está inserida neste contexto de mudanças, pois apesar de ser uma cidade pequena do interior da Paraíba sua experiência é importante.

Devemos lembrar que a pesquisa historiográfica, mesmo tomando como objeto de estudo uma pequena comunidade como Alagoa Nova – PB tem um valor universal em termos metodológicos. Os mesmos são referências amplas quando se trata de sua aplicação em estudos afins. Também há a considerar que Alagoa Nova não é uma experiência isolada, faz parte de um estado, região país.

Nos anos 20 a 60, do século XX, uma cidade que vivia uma fase de mudanças e crescimento para a época, um momento de rupturas e recepção de alguns elementos modernos importantes para colocar a cidade pequena no rol de crescimento. Elementos modernos como estrada-de-ferro, luz elétrica passariam a interferir no cotidiano dos moradores desta cidade.

Portanto a questão central do trabalho é analisar algumas transformações ocorridas no contexto de modernização de Alagoa Nova dos anos de 1920 a 1960 – estes anos marcados pela introdução de um novo maquinário moderno – assim como a transformação de novas sensibilidades e de novas subjetividades.

A intenção da pesquisa é investigar a cidade a partir de diferentes aspectos: o ritmo, o cotidiano, o advento de equipamentos modernos e mudanças de hábitos e costumes por eles provocados, sabendo que não é possível, por exemplo, associar ou comparar o ritmo de Alagoa Nova com o ritmo das cidades que já foram citadas.

---

<sup>4</sup> Alagoa Nova, município do estado da Paraíba (Brasil), localizada na microrregião do Brejo paraibano. De acordo com o IBGE, no ano de 2010 a população está em 19.800 habitantes. Área territorial de 122Km<sup>2</sup>. Uma cidade de pequeno porte e que surgiu a partir de construções precárias com casas de Taipa e de tijolos nas proximidades da Lagoa dos Patrícios, ponto de chegada dos que vinham das redondezas a procura dos gêneros aqui produzidos.

A cidade não era nenhum grande centro e não tinha uma quantidade de habitantes consideravelmente alta, se comparada a outras cidades à época. Mas apesar de toda essa distância em relação aos grandes centros no sentido da chegada do moderno a mesma não deixa de se imaginar, pensar e conviver com o moderno, as conquistas materiais dos símbolos do moderno vão aos poucos se apresentando na mesma, gerando assim expectativas de mudanças na população.

*“há a considerar que essas conquistas materiais se instituem por toda parte como símbolos modernos de valor universal, significando, com isto, que qualquer contato com um ou outro desses símbolos, independentemente do porte da cidade que realiza a conquista, possibilita que está cidade possa ser considerada moderna ou cidade em sintonia com o mundo civilizado”.*  
(ARANHA. 2003, p. 80).

São mudanças que interferem no cotidiano das pessoas dessa cidade, onde as pessoas vão consumindo o que a cidade oferece. Na cidade de Alagoa Nova, por exemplo, o impacto da construção da linha do trem criou na cidade uma expectativa de melhoria de vida, o dinheiro, as feiras movimentadas, existem uma perspectiva de melhoria na condução de seus produtos ou no próprio encurtamento de distâncias. O historiador Gervácio Batista Aranha no tocante ao impacto do trem chama a atenção

*”... para o fato de que tornam-se espécies de portas abertas para o mundo. Os trens que aportam nessas estações – trazendo ou levando pessoas e objetos, além de sonhos a realizar ou desfeitos – tornam-se canais por meio dos quais essas estações se constituem, enquanto espaços de intensa sociabilidade, convergindo para elas praticamente todos os interesses da coletividade em seus laços com o mundo exterior, sejam econômicos, políticos, afetivos, etc.”* (ARANHA, 2003,p.123).

O trem gerou essas expectativas na população de Alagoa Nova, mas não foi um sonho realizado. Talvez se deva lembrar que a então vila sofreu um reboiço quando os trilhos começaram a ser construídos, em sua direção, alimentando o sonho coletivo de contar com esse símbolo moderno. Um sonho frustrado logo depois.

Em depoimento do senhor Antonio de Basto, residente na zona rural, Sítio Urucu, onde vive desde que nasceu, ele afirma que seu pai sempre contava para ele e seus irmãos que a região ficou cheia de trabalhadores de toda parte do Estado, engenheiros e todo esse povo costumavam fazer suas compras na região, aumentando assim o comércio da feira local, gerando uma certo crescimento econômico, assim como a perspectiva das pessoas em conviver com esse trem que viria de Alagoa Grande e passaria pela região trazendo assim o progresso para a região e melhorando o tráfego existente entre as cidades circunvizinhas.

O progresso chegou assim com a expectativa do trem gerando também a necessidade de se ter cuidado com os trabalhadores que nestas obras exerciam sua força de trabalho. Ademais, se o processo de construção da estrada de ferro necessitava de uma mão de obra disponível a enfrentar as dificuldades do trabalho, era necessária uma preocupação com a saúde dos mesmos. E nesse contexto houve uma necessidade da construção de ambulatórios de emergência para atender os trabalhadores. O posto foi localizado em Alagoa Nova, mas a sua existência foi passageira, pois no ano de 1922 cessaram as atividades da unidade de saúde.

O trem se tornou um sonho frustrado, pois a construção das obras referentes ao prolongamento da linha férrea teve de ser parada por questões políticas e, dessa forma, toda aquela expectativa de mudança foi por água abaixo. A cidade não contaria com este moderno meio de transporte que abriria as portas para o mundo afora, no entanto, a mesma não deixou de passar por mudanças significativas influenciadas pelo processo de modernização.

Se o trem, enquanto a representação do moderno significa um novo conceito de espaço-tempo, o mesmo ocorre com a luz elétrica, que simboliza a ruptura com o passado, cidade eletrificada é uma cidade diferente, os olhares sobre ela são diferentes. Sabemos que o novo nem sempre gerou total confiança. O novo gera muitas desconfianças, até porque não é para todos. Mas gera mudanças de comportamento, embora mantendo características de uma cidade pequena pacata vivendo nessa fronteira entre o urbano e rural. A cidade se moderniza, mais continua sendo a cidade pequena, do morador carregando lenha pelas ruas, do homem cavalgado com seu cavalo ou burro, vendendo os produtos de suas pequenas propriedades em seus burros com caçuás de

palha, a cidade que dorme cedo e acorda cedo e que mantém também seus traços de cidadezinha que convive com uma forte influencia religiosa.

São mudanças que interferem no cotidiano das pessoas desta cidade, aonde as mesmas vão consumindo o que a cidade oferece. E o que é oferecido neste momento é algo deslumbrante aos olhos de alguns moradores descrentes e ao mesmo tempo outros ansiosos por está novidade. O certo é que do mesmo modo que a construção da linha de trem gerou expectativas o mesmo podemos falar da luz elétrica. Esse símbolo do moderno que viria para transformar a vida dessas pessoas que logo se acostuariam com essa novidade já presente em outras cidades.

*“Marcou o ano de 1920 um grande melhoramento para a vida, com a inauguração do serviço de fornecimento de energia elétrica. João de Veras, conhecido capitalista local, foi o empresário. A instalação do motor se encontrava adiantada, os postes colocados e parte da rede elétrica estendida. Houve certo alvoroço em face do acontecimento que significaria progresso e conforto. O tema entrava nas conversas, com os descrentes retrógrados vaticinando possíveis perigos. Nas vésperas da inauguração, as principais ruas da urbe amanheceram com uma estranha rede de fios de barbante e à guisa de lâmpadas pendiam dos postes mamão de corda. Na fachada da residência do prefeito José de Cristo e do empresário João de veras colocaram lâmpadas de maior numero de velas representadas por mamão tipo caiana. Toda a vila riu com a pilheria caricata à iluminação elétrica e José de Cristo, sempre formal e austero, se apresentava confuso e muito sisudo. (SALES. 1990. P. 131).*

Apesar da resistência por parte de alguns moradores, a luz elétrica não deixou de ser inaugurada, dando assim para a cidade um aspecto mais moderno no sentido de iluminação das ruas centrais da mesma. Sabemos que a principio nem todos da cidade tiveram a oportunidade de usufruir de uma coisa tão deslumbrante aos olhos de uma população meio que descrente e desconfiada com o elemento novo que chegara, ao ponto de fazer chacota com a implantação do mesmo, sem saber ao certo se aquilo faria o bem ou não para a cidade. Uma coisa é certa, com a iluminação pública alguns comportamentos são mudados, a eletricidade vai proporcionar que as pessoas fiquem até mais tarde nas portas de suas casas conversando, gerando ali todo um espaço de sociabilidade onde as experiências são trocadas e os assuntos do dia a dia são colocados

em ordem, sem falar que mesmo não sendo uma cidade violenta e perigosa comparada a muitas outras que passavam pelo mesmo processo de iluminação, os moradores da cidade se sentiam mais seguros com a iluminação.

A novidade era inaugurada na vila de Alagoa Nova ao primeiro dia do mês de janeiro do ano de mil novecentos e vinte como consta em ata da Câmara Municipal de Alagoa Nova do mesmo ano. De acordo com a ata podemos perceber que as principais autoridades estavam presentes para prestigiarem a novidade, o que demonstra a grandeza do fato. Estavam presentes o então prefeito à época, José de Chisto Pereira da Costa, o sócio da empresa de iluminação elétrica desta vila, o seu socio capitão João Ferreira de Veras, as autoridades civis e eclesiásticas. Um momento digno de reunir as principais autoridades da cidade.

*“Ata da sessão cívica de inauguração da luz elétrica na Villa de Alagoa Nova. Ao primeiro dia do mês de janeiro do ano de mil novecentos e vinte trigésimo primeiro da proclamação da República nesta Villa de Alagoa Nova presente o senhor prefeito municipal coronel José de Chisto Pereira da Costa sócio da empresa de iluminação elétrica desta Villa o seu consocio capitão João Ferreira de Veras, as autoridades civis e eclesiásticas grande número de pessoas gradas depois de haver o reverendíssimo padre Joaquim Agra vigário desta freguesia dado a benção canônica sobre a usina elétrica e de ter o doutor Manoel Tavares Cavalcante chefe de policia do Estado proferido um discurso e declarado inaugurada a iluminação elétrica”. (Livro de ata da Câmara Municipal de Alagoa Nova – 1920).*

No momento a iluminação pública pode ter sofrido resistência por parte de alguns moradores, mas uma coisa é certa, aos poucos a população foi se conscientizando que era preciso estabelecer uma relação mais íntima com a iluminação que se tornaria extremamente importante para o desenvolvimento da cidade. Sem esquecer que a iluminação pública a motor movido a óleo diesel não iluminava todas as artérias da cidade. A iluminação das casas só era extensiva aos mais abastados, sem esquecer também que o motor era desligado logo cedo, 9 ou 10 horas da noite ficando a cidade as escuras.



Sabemos que a energia elétrica da CHESF só chegou a cidade na década de 50 do século passado e que com essa melhoria a cidade passaria a dar passos mais largos no sentido de se modernizar, pois a energia proporcionava que as pessoas pudessem usufruir de alguns equipamentos que viriam a mudar os comportamentos das pessoas. Um exemplo maior é quando chega a cidade a TV, mas isso só ocorre no final da década de 60 e início a década de 70. O deslumbramento tornou-se um atrativo onde pouquíssimas famílias tinham acesso, com exceção dos senhores de engenho. O interessante é que os poucos que tinham acesso de poder comprar uma TV viam em suas portas uma grande quantidade de pessoas, que por não ter o acesso à mesma, tinham pelas portas e janelas dos seus vizinhos. Alguns vizinhos não ligavam, mas outros não gostavam achando assim que sua privacidade estava sendo invadida. Com privacidade sendo invadida ou não, o certo é que os moradores de Alagoa Nova viam o mundo através da tela da TV e isso faz com as famílias se reúnem em torno deste aparelho moderno para se divertirem e sofrerem influencia de modismos, principalmente as mulheres mudando seus penteados e roupas para parecerem com as atrizes da TV. Mas, além disso, também podia se ter notícias de todo mundo de uma forma cada vez mais rápida, ou seja, a cidade está atendida com o que de mais moderno e importante acontece no mundo.

Alagoa Nova está se problematizando. Como diria Stella Bresciani, são essas problematizações que geram interesses. A cidade se problematiza e aos poucos se transforma, mas junto a essa transformação existem pessoas que fazem parte desta transformação. A cidade se moderniza e junto com ela vêm os problemas sociais. Existe uma reforma urbana, mas existem pessoas que moram nestas cidades, pessoas estas das mais diversas experiências, se divertem, se amam, trabalham, adoecem e morrem. Existem rupturas, permanências, aceitação, rejeição, existe normas de conduta, modelos a serem seguidos, portanto, a cidade é o lugar de múltiplas praticas sociais. São criados códigos de postura. A cidade moderna tem que se educar: escolas começam a serem construídas; o cuidado com a saúde também passa a ter maior interesse por parte das autoridades; a religião também se utiliza de códigos de moralização e conduta que interferem nos comportamentos das pessoas desta cidade.

O nosso trabalho não é sobre um grande centro urbano, mas é um trabalho sobre essas experiências vivenciadas pelos moradores da cidade de Alagoa Nova – PB. Assim como qualquer cidade no início do século XX, existia uma busca pela modernização, por mudanças significativas que viriam a melhorar a vida dos moradores da mesma. Existiam modelos de cidades “civilizadas”, a exemplos das que já foram citadas, e as demais queriam seguir, ou deveriam seguir para parecerem “civilizadas”. Segundo o autor José Borges de Sales, em sua obra *Alagoa Nova: Notícias para sua história*<sup>5</sup>, os anos de 1920 são marcados por um crescimento, é uma década de prosperidade com o início dos trabalhos de abertura de estradas, denominadas de penetração, onde prolongavam os trilhos da Greatwester (estrada de ferro), a inauguração em 1920 do serviço de fornecimento de energia, uma nova arquitetura, cujas construções procuram abandonar o estilo tradicional das casas conjugadas.

“A sede está urbanizada com 450 casas mais ou menos confortáveis, dividida em ruas e praças pouco regulares, sendo as principais: Avenida Presidente João Pessoa, Rua Juarez Távora, e Praça Dr. João Tavares. Os edifícios importantes são: Palacete da Prefeitura, Escolas Reunidas e as casas dos Srs. Joaquim Cavalcante, Cícero Guimarães e residência paroquial; a sua arborização é regular e composta de árvores adaptáveis ao clima, na maioria mangueiras.” (SALES, 1990, p. 186)

Como podemos perceber, é um momento muito significativo para a história desta cidade pois é aí que vão se configurando a importância dessas ruas, pois é nestes espaços que encontramos o comércio ativo desta cidade.

Portanto, temos aí uma preocupação existente em torno de um conforto maior para as pessoas, uma certa privacidade quando estas casas vão deixando de serem conjugadas, já que as casas sendo assim conjugadas as pessoas praticamente sabiam da vida dos outros, pois as conversas eram escutadas pelos vizinhos e rapidamente o que aparentemente era um assunto familiar, passaria a ser socializado por todos se as conversas eram passadas adiante.

---

<sup>5</sup> SALES, José Borges de. Alagoa Nova. Notícias para sua História / José Borges de Sales, Fortaleza, Gráfica Editora R. Esteves Ti progresso Ltda. 1990

As praças nesse período, entre os anos de 1920 e 1960 têm um sentido de embelezamento da cidade e aos poucos vai se tornando também o ponto de encontro dos moradores. Idosos, crianças, jovens, adultos e casais de namorados, todos usufruindo deste espaço trocam experiências, contam histórias, discutem política, problemas sociais e pessoais, marcando o primeiro encontro, enfim é o espaço aberto as mais diversas experiências de vida destes moradores alagoa-novenses.

Alagoa Nova passa por melhoramento extremamente importantes das estradas de rodagem ligando-a às cidades de Areia, Alagoa Grande e Campina Grande, ou seja, a cidade está no caminho da modernização. Um indício de modernização, capaz de mudar hábitos, criar oportunidades de circulação e consumo.

Na verdade, o que podemos perceber ao longo deste trabalho é que a experiência que se passa na cidade de Alagoa Nova é de extrema importância para percebermos e entendermos que ao falar de modernização não podemos ficar apenas com os exemplos de cidades grandes, pois como já foi dito as cidades pequenas fazem parte de todo este contexto, pois não são experiências isoladas, elas pertencem ao estado, ao país.